

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS SÉRIES DE TELEVISÃO

THE REPRESENTATION OF WOMEN IN TELEVISION SERIES

Tayná Pereira de Almeida¹

Camila Claudiano Quina Pereira²

RESUMO

As séries de televisão possuem grande popularidade entre homens e mulheres, disparando debates acerca de diversos temas, como exemplo as relações de gênero. A maneira como as personagens femininas são representadas nas séries de televisão pode influenciar a vida das mulheres ao reproduzir papéis sociais desempenhados na sociedade, reforçando e mantendo a desigualdade de gênero. Com o objetivo de compreender a forma como as mulheres são representadas nas séries de televisão e como os telespectadores percebem tais personagens, esta pesquisa teve como referencial teórico-metodológico as práticas discursivas na perspectiva Construcionista Social. A metodologia consistiu na realização de entrevistas com 20 participantes, universitários, de ambos os gêneros. Os resultados mostraram que as pessoas percebem a desigualdade de gênero de maneira mais explícita em séries mais antigas. As mulheres preferem as personagens femininas independentes e empoderadas, e gostariam de ver mais mulheres como personagens principais e em posições de liderança. Já os homens preferem personagens líderes com fortes ideais, e gostariam que as personagens femininas possuíssem esses traços, que não são comuns às mulheres na televisão. A mídia, como uma forma de poder simbólico, tem grande influência na sociedade por meio das mensagens que são produzidas e transmitidas por ela, por isso, é importante se atentar ao que está sendo reproduzido na televisão, pois, certamente, é algo que contribui para a construção de subjetividades e mediará as relações humanas, tal como as relações de gênero.

Palavras chave: práticas discursivas; desigualdade de gênero; mulher; séries de TV; mídia.

ABSTRACT

Television series have great popularity among men and women, triggering debates about various topics, such as gender relations. The way female characters are represented in television series can influence women's lives by reproducing social roles performed in society, reinforcing e maintaining gender inequality. With the objective to comprehend the way women are represented in television series and how viewers perceive such characters, this research had as theoretical-methodological reference the discursive practices in the Social Constructionist

¹ Universidade do Vale do Sapucaí- Univás. Curso de Psicologia. E-mail: tayna.almeida2@hotmail.com

² Universidade do Vale do Sapucaí- Univás. Curso de Psicologia e Mestrado em Bioética. E-mail: camilacquina@gmail.com

perspective. The methodology consisted of performing interviews with 20 participants, college students, of both genders. To reflect on this subject, a qualitative research was carried out to comprehend the way women are represented in television series and how viewers perceive such characters. The results showed that people perceive gender inequality in a more explicit way in older series. Women prefer independent and empowered female characters and would like to see more women as main characters and in leadership positions. Men, however, prefer characters with strong ideals, and would like the female characters to have these traits, which are not common to women on television. The media, as a form of symbolic power, has great influence on society through the messages produced and transmitted by it, so it is important to pay attention to what is being reproduced on television, because it is certainly something that contributes to the construction of subjectivities and will mediate human relations, such as gender relations.

Keywords: discursive practices; gender inequality; women; television series; media

INTRODUÇÃO

No ano de 2017, dados divulgados pela Netflix apontam que o Brasil ficou em sexto lugar no ranking mundial de maratonas realizadas, e que seus assinantes assistiram mais de 140 milhões de horas por dia, através do serviço de *streaming*³. Estes dados comprovam a grande popularidade das séries de televisão, especialmente através dos serviços de que permitem com que os usuários assistam aos conteúdos de maneira mais rápida e fácil, sem a necessidade de download.

Segundo Pinheiro, Barth e Nunes (2016), as emissoras americanas lançam anualmente cerca de 200 novas temporadas das séries inéditas ou que já foram lançadas na TV. Isso demonstra o interesse do público por este tipo de entretenimento e, conseqüentemente, a influência de tal programação nas conversas cotidianas de seus telespectadores, dentre elas destaca-se as relações de gênero.

A maneira como as personagens femininas são representadas nas séries de televisão reproduz os papéis de gênero desempenhados na sociedade, corroborando para que se mantenha a desigualdade entre homens e mulheres. As práticas discursivas que circulam nas cenas sinalizam os discursos sobre gênero que advém de diferentes práticas cotidianas, sendo uma forma de linguagem social que atua na veiculação de valores éticos e morais, papéis sociais e estereótipos. Por meio destas narrativas, as séries podem legitimar estas noções, que por sua vez irão produzir efeitos nas interações sociais.

³ *Streaming* é um método de transmissão de som e/ou vídeo através da internet, ou seja, não há a necessidade de download para que alguém acesse os conteúdos disponíveis nos serviços de streaming.

De modo a estudar os fenômenos que influenciam a maneira como as pessoas se colocam e veem o mundo, evidenciando questões sociais e buscando diminuir a desigualdade de gênero, esta pesquisa teve o objetivo de compreender como as mulheres são representadas nas séries de TV e investigar como mulheres e homens percebem as personagens femininas nas séries de televisão para refletir sobre como estas representações fortalecem os papéis de gênero e a manutenção da desigualdade.

A perspectiva teórica e metodológica que fundamenta esta pesquisa são as práticas discursivas, na perspectiva construcionista social. Segundo Spink (2010, p.27), as práticas discursivas se referem “as maneiras pelas quais as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e posicionam-se em relações sociais cotidianas.” Esta abordagem tem sido trabalhada no Núcleo de Estudos sobre Práticas Discursivas no Cotidiano, do Programa de Psicologia Social da PUC-SP, que compreende a linguagem em uso como uma prática social, que são sempre situadas, múltiplas e dialógicas.

Estudar a mídia, neste caso, as séries de TV, se faz relevante pela sua capacidade de tornar visíveis os fenômenos sociais. Elas são de fácil acesso à população, tendo atualmente um lugar de destaque em promover informação e entretenimento. Por isso, repercutem na produção de sentidos, influenciam na manutenção e reprodução de repertórios lingüísticos associados às relações de gênero e sexualidade, especialmente no que se refere às relações de poder.

1. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA E DA COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE

Thompson (1998) apresenta quatro tipos de poder, sendo eles econômico, político, coercitivo e simbólico. O poder econômico diz respeito a produção, a partir da utilização de recursos e de uma matéria-prima que é convertida em bens que irão circular no mercado, gerando consumo e dinheiro. O poder político trata da organização de padrões e normas que irão servir no controle dos indivíduos dentro de um território. Um exemplo de poder político é o estado, que através das regras e leis exerce sua autoridade sobre os indivíduos. Algumas vezes, para que essa autoridade seja realizada, utiliza-se do poder coercitivo. Esse poder caracteriza-se pela ameaça ou mesmo o uso de força física para que se consiga o resultado e o controle desejado.

Já o quarto poder é cultural ou simbólico, onde os indivíduos utilizam a expressão, a troca de informação e conteúdo simbólico, este último sendo essencial no âmbito social, e aqui é onde a mídia se encaixa. O autor cita que as ações simbólicas “podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer e a descrever,

apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva” (THOMPSON, 1998, p. 24).

Pode-se definir comunicação como o processo que passa desde a elaboração, difusão até a recepção de conteúdos simbólicos. Os meios técnicos de comunicação são os produtos por onde passam tais conteúdos, até chegarem ao receptor. Já a comunicação de massa é um termo que se refere a capacidade da mídia de atingir um grande e diversificado público. Diferente do diálogo, a transmissão das mensagens na mídia ocorre em sentido predominantemente único, para grupos em diferentes contextos do qual aquela mensagem foi criada (THOMPSON, 1998).

Segundo Kannengießer e Kubitschko (2017), através de estudos sobre a relação da mídia e sociedade, aqueles que atuam na mídia também formam e instigam a vida diária. A ação na mídia, como a ação política, pode ser descrita como uma prática que envolve e também produz relações de poder relacionadas a gênero, classe, educação, entre outros.

Gama, Santos e Fofonca (2010) apontam que as pessoas estão constantemente recebendo informações da mídia, visuais e sonoras, que acabam por formar e transformar suas atitudes com sua grande capacidade de persuasão, sendo esta a principal função dos meios de comunicação de massa. As mensagens que são produzidas e transmitidas dependem do papel das indústrias de mídia.

De acordo com Moscovici (1978) como citado por Gama, Santos e Fofonca (2010), a comunicação se torna um problema devido a capacidade de transformar realidades. A questão a ser discutida deixa de ser o que é comunicado e passa a ser de que forma a mensagem é transmitida, e qual o significado isso tem para cada um.

Para Thompson (1998), a comunicação permite que os indivíduos tenham experiências de situações sem a limitação de espaço e tempo, pois a mídia e suas formas simbólicas transformam a compreensão que o indivíduo tem de lugares e períodos de tempo, mesmo fora de sua experiência pessoal. Transforma também nosso entendimento do meio social, trazendo um sentimento de pertencimento de certas comunidades.

A mídia também propicia um processo imaginativo e hermenêutico, pois cada sujeito atribui um sentido diferente para seus produtos, assimilando o material simbólico a partir de suas experiências pessoais. Dessa forma, indivíduos em diversos âmbitos podem interpretar uma mesma mensagem de forma diferente, mesmo que essa interpretação não seja a mesma daquela sugerida em sua produção (THOMPSON, 1998).

Alexandre (2001) aponta que a mídia possui uma tendência psicologizante, que, indiretamente, acaba induzindo certas representações sociais. Os meios de comunicação de massa se tornam meios de coesão social, já que são responsáveis pela produção e difusão dessas

representações, que servem como base na compreensão e imagem que os indivíduos têm de si e do âmbito social.

Dentre os produtos da mídia que promovem a construção e circulação de repertórios linguísticos, destacamos as séries de televisão. De acordo Machado (1999), a serialidade é definida por sua forma descontínua e fragmentada, onde a história é dividida em episódios que podem ser apresentados em dias diferentes, e cada episódio é dividido em blocos comerciais separados. Cada episódio começa com uma retrospectiva do episódio anterior, e termina com um momento importante que deve fazer o telespectador sentir vontade de assistir ao episódio seguinte.

Em alguns serviços de streaming, especialmente a Netflix, toda a temporada é lançada no mesmo dia, e os episódios terminam com um *cliffhanger*⁴, fazendo com que o usuário assista a vários episódios seguidos, ou até mesmo toda a temporada de uma só vez, o que é conhecido como “maratona”.

Machado (1999) explica que há três tipos de narrativas seriadas na televisão. Na primeira, a história se desenvolve de forma contínua durante toda a série. Para Pinheiro, Barth e Nunes (2016), esse formato necessita que o telespectador assista toda a série, pois a história não se resolve em apenas um episódio.

Na segunda, cada episódio apresenta uma história inteira e independente, mas que envolve os mesmos personagens, ou situação narrativa em que estes se encontram. Dessa forma, a ordem em que os episódios são assistidos não apresenta grande diferença para o telespectador. No terceiro tipo de narrativa, cada episódio apresenta história e personagens totalmente diferentes, e apenas a temática geral da série é mantida (MACHADO, 1999).

Para Messa (2006) como citado por Pinheiro, Barth e Nunes (2016, p.10), “as séries não são apenas uma forma de entretenimento, pois são fenômenos sociais que tratam de temas relevantes para a sociedade”. A relação entre as séries de televisão e o público surge como uma complexa dinâmica de comunicação, que se dá a partir de uma troca simbólica de materiais entre os fãs, que também interagem com as emissoras e a grande mídia (SILVA, 2014).

2. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS SÉRIES DE TELEVISÃO

⁴ Cliffhanger é um termo em inglês comumente relacionado à filmes e séries, que significa momento de suspense ou angústia. Nas séries, o cliffhanger ocorre ao final de um episódio, fazendo com que o telespectador tenha que assistir ao próximo para descobrir o desfecho daquela situação dramática.

Segundo Lauzen, Dozier e Horan (2008), os estereótipos são generalizações sobre algumas pessoas baseando-se em determinado grupo, o que acaba reforçando o poder daqueles que fazem parte do grupo sobre os indivíduos que não o fazem. No caso de gênero, os estereótipos colocam o homem representando o que seria ideal, enquanto mulheres seriam julgadas.

Os papéis sociais são definidos por Eagly e Steffan (1984) como atividades diárias realizadas pelas pessoas. Essas atividades incluem desde tarefas domésticas, até tarefas relacionadas ao trabalho. Se os receptores observam, constantemente, um grupo realizando certas atividades, é provável que acreditem que tal atividade é característica daquele grupo.

Eagly e Steffan (1984) apontam em seu estudo que, em geral, as pessoas presumem que homens são voltados para objetivos que envolvem autoafirmação e expansão, enquanto as mulheres apresentam maior preocupação com os outros do que consigo mesmas. Essas percepções ocorriam porque as mulheres são mais propensas a ocuparem posições mais baixas em status e autoridade, além de se encontrarem frequentemente como donas de casa, e não em um trabalho pago como os homens.

Essas posições e papéis sociais que, constantemente, são atribuídos às mulheres, sustentam os estereótipos de gênero. Dessa forma, ao se tratar de programas de televisão, os papéis sociais que são atribuídos aos personagens também contribuem para a construção dos estereótipos de gênero, além de afetarem as crenças do telespectador a respeito de gênero (LAUZEN; DOZIER; HORAN, 2008).

Segundo Signorielli e Kahlenberg (2001) como citado por Lauzen, Dozier e Horan (2008), os estereótipos de gênero relacionados aos papéis domésticos e do trabalho podem induzir mulheres que aspiram tanto por uma família quanto por uma vida profissional. Os autores colocam também que a exibição à televisão, por um grande período, pode gerar consequências na escolha de carreiras, visto que a ideia transmitida é que mulheres não obtêm sucesso no trabalho e no casamento.

Lauzen, Dozier e Horan (2008) aponta que questões relacionadas a romance, casamento e ambiente familiar são os papéis mais prováveis e desenvolvidos entre as personagens femininas de programas de televisão das grandes redes. As relações interpessoais são o foco das personagens femininas mesmo quando estas são mostradas em ambientes profissionais, em contraste com os personagens masculinos, que normalmente estão envolvidos com o trabalho, além de encontrarem uma maior variedade de carreiras entre eles.

Embora o objetivo principal dos escritores e criadores seja a produção de séries de televisão que gerem audiência e boas críticas, notou-se em um estudo realizado por Glascock

(2001), que há relação entre a quantidade de personagens femininas em uma série, e o emprego de, pelo menos, uma mulher como escritora ou produtora do programa.

Press (1991) divide a representação da mulher na programação de televisão entre as categorias pré-feminista, feminista e pós-feminista. Ao se referir a categoria pré-feminista, antes da década de 1960, a autora aponta que as mulheres na televisão eram mais imaturas e dependentes, com raras personagens que fugiam deste padrão, demonstrando algum tipo de resistência a esse modelo. Na categoria feminista surgiram mulheres mais fortes e em papéis menos tradicionais, mas a base de suas histórias era voltada a um contexto individual das personagens, e não a um movimento coletivo das mulheres. Já na fase pós-feminista da televisão, a vida profissional das personagens é manifestada, embora o foco ainda seja seu papel familiar. A autora aponta ainda que, nesta fase da televisão, há menos conflito entre os sexos em comparação a primeira categoria.

As personagens femininas se envolvem mais em conflitos que os personagens masculinos, e essas desavenças costumam durar mais tempo entre as mulheres do que os que incluem os homens (SPANGLER, 2003).

Outros temas também foram desenvolvidos por Spangler (2003), como a imagem corporal e sexualidade nas séries de comédia. Na década de 1990, a maior parte das personagens femininas se encontravam abaixo da média de peso, e quando se encontravam acima da média, eram alvo de comentários negativos e risadas. Dentre as interações sexuais observadas nas séries, em quase um terço dos casos sugere-se que, usualmente, os homens veem as mulheres como objeto, e as qualificam a partir de sua aparência. Em grande parte das séries houve, ao menos, uma interação sexual indesejada, e nenhuma delas foi considerada como assédio sexual, sendo tratada de forma humorística em que a própria mulher interrompia o assédio. Esse tipo de situação sugestiona que o assédio não é tão sério e que a mulher deve lidar com ele sozinha.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com os alunos de uma universidade no sul de Minas Gerais. Foram realizadas entrevistas com 20 participantes, sendo 10 mulheres e 10 homens entre 18 e 25 anos de idade, que acompanhavam pelo menos uma série de televisão.

O roteiro da entrevista foi composto por cinco perguntas principais: Qual a sua série preferida?; Cite e descreva um personagem que te chama a atenção; Qual personagem você não gosta e por quê?; Você observa diferenças entre os personagens masculinos e femininos?; e Qual personagem ou papel você gostaria que fossem interpretados por mulheres.

Após transcrição das entrevistas, foi construído um quadro temático para realizar a análise discursiva das informações. Cada pergunta principal foi utilizada como uma categoria analítica, onde as respostas dos entrevistados sobre cada tópico foram analisadas. Este estudo atendeu as normas éticas para pesquisa com seres humanos, conforme regulamentado pela resolução nº. 466/12.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 AS SÉRIES PREFERIDAS DOS ENTREVISTADOS

Dentre os 20 participantes da pesquisa, a série mais citada foi *Game of Thrones*. Transmitida pelo canal de televisão por assinatura HBO, a série é a adaptação de uma série de livros do autor George R. R. Martin, que conta a história de famílias nobres que disputam o trono dos Sete Reinos do continente fictício de Westeros, através de alianças, conflitos e grandes batalhas que envolvem criaturas fantásticas. Até o momento foram exibidas 7 temporadas da série.

Outras séries que se repetiram como favoritas foram *Grey's Anatomy* e *Once Upon a Time*, ambas são transmitidas pelo canal ABC, e possuem mulheres como personagens principais. *Grey's Anatomy* está atualmente em sua décima-quinta temporada, e além do desenrolar da história pessoal de um grupo de médicos de um hospital de Seattle, também apresentam o lado profissional dos personagens. *Once Upon a Time* é uma série de fantasia que mescla contos de fadas com a atualidade. A série terminou em maio de 2018, na sétima temporada.

Como citado neste trabalho, segundo Lauzen, Dozier e Horan (2008), os estereótipos atribuem certas características a determinados grupos, e ao aparecerem nos programas de televisão podem levar o telespectador a crer nestes conceitos que são generalizados.

No caso de *Game of Thrones*, a série possui reis, rainhas, servos, guerreiros, e toda uma hierarquia em que remete a uma época em que o papel da mulher era o da esposa, da mãe, donzela, enquanto os homens governavam e lutavam em guerras. No entanto, a série apresenta diversos personagens femininos que não se encaixam nesses estereótipos, como apontam alguns participantes que mencionaram a série nas entrevistas:

[...] usando como exemplo *Game of Thrones*, com exceção da Dany, a gente não vê, tipo, mulher lutando, em guerra. E aí o que mais me chama atenção é que tem uma personagem em *Game of Thrones*... [...] A Brienne, e tipo, ela é uma exceção, sabe? (N.P. Mulher – Publicidade e Propaganda).

Outro participante, ao falar da série, destaca que outra personagem também não se enquadra nos padrões:

[...] desde criança ela tem uma representação muito forte na série como mulher, porque como a série trata na era medieval, tem aquele dogma né, que... a mulher tem que casar com um *lord*, tem que ter filho, tem que servir a esse senhor, e ela, desde criança, tem uma personalidade muito forte e de não aceitar isso” (R.A., homem, Psicologia).

Estas exceções aparecem de maneira positiva na série, que além de ter sido a mais mencionada, também possui a personagem mais citada como favorita entre os participantes da pesquisa.

4.2 OS PERSONAGENS FAVORITOS

Todos os participantes que apontaram *Game of Thrones* como série preferida, falaram sobre Daenerys Targaryen, ao serem perguntados sobre qual personagem chamava mais atenção, e o motivo também foi similar. Os participantes relatam que a personagem possui um grande desenvolvimento ao longo das temporadas:

[...] ela começou a crescer e evoluir, tipo, “eu quero o que é meu por direito”, e ela é totalmente independente das outras pessoas, e libertadora de escravos, justiceira [...] totalmente independente, assim. Ela saiu do nada, e tudo que ela conquistou foi só por ela mesmo (N.P., mulher, Publicidade e Propaganda).

Daenerys é herdeira do trono por direito, mas surge como uma mulher submissa e indefesa que obedece aos comandos do irmão mais velho. Porém, após deparar-se com os muitos empecilhos em sua trajetória, ela se torna uma mulher independente que busca conquistar o reino.

A Daenerys também é muito legal porque ela quase morreu quando ela era criança, e mesmo assim ela conseguiu sobreviver a isso. E teve muitas famílias que queriam destruir o legado dela, do pai dela e tudo o mais, e ela conseguiu sobreviver, cresceu, criou um exército e está dominando *Westeros* (R.A., homem, Psicologia).

Outra participante coloca que o que melhor descreve a personagem em questão é a sua independência:

[...] no começo ela é muito medrosa, né? Ela é na dela, ela obedece, ela tenta fazer o certo [...] E ela começa a não ter medo mais, ela quer pegar o que era dela, dos pais dela. E ela começa a ficar muito corajosa, ela não se distrai fácil [...] e ela é completamente independente. Eu acho que o que descreve ela é ser independente. Muito independente (M. I., mulher, Publicidade e Propaganda).

Nota-se assim que o desenvolvimento da personagem é o motivo principal pelo qual os participantes se interessam por ela, que conquista seu espaço e cresce como pessoa, se tornando a rainha. Um participante atribui o desenvolvimento da personagem aos conselhos que recebe durante sua trajetória, aplicando aquilo em sua vida:

A Daenerys primeiro é a evolução da personagem, porque ela começa lá embaixo, todo mundo manda nela, e ela vai crescendo, pegando conselhos que ela recebe dos outros, e ela vai evoluindo com isso [...] Então ela usa isso *pra* sair do ser dominada por todo mundo, pra ser a rainha (B.W., homem, Publicidade e Propaganda).

Segundo Murnen et al. (2015), a independência é um traço frequentemente incentivado entre os homens, assim como a liderança e agressividade, enquanto são associados às mulheres, traços de sensibilidade, maternidade e amizade. A personagem em questão, na medida em que progride na história, passa a possuir esses traços relativos ao gênero masculino.

Outra personagem que se repetiu foi Meredith Grey, da série *Grey's Anatomy*. Como o nome dá série aponta, Grey é a personagem principal, e também possui um certo desenvolvimento na história, principalmente profissional, o que é outro aspecto que aparece mais relacionado ao gênero masculino, como aponta Murnen et al. (2015). Na primeira temporada, a personagem começa a trabalhar como interna em um hospital de Seattle, e ao longo da trama ela sobe de cargo, sendo atualmente chefe do departamento de clínica geral, além de ser uma das melhores médicas do país, reconhecida e premiada por seus estudos científicos inovadores na medicina. Uma participante relata que o que gosta na personagem:

É essa parte de ela ser esforçada, dedicada, ela lutou pelo sonho dela de trabalhar no hospital onde a mãe dela foi diretora (P.G., mulher, Educação Física).

Outra participante fala que a personagem é forte, que constrói sua carreira, além de conciliar sua vida profissional com a maternidade, já que possui três filhos:

A série gira em torno dela, e é uma mulher, assim, absurdamente forte *pra* mim, eu acho que ela passa por umas coisas que fazem... ela vai se tornando uma mulher muito forte, durante a série toda, e esse processo eu acho muito interessante. Ela trabalha como chefe, ela vai construindo isso, né? [...] ela engravida, ela tem filhos e ela sabe lidar com tudo isso muito bem. [...] eu acho que ela passa por muita coisa, isso *pra* mim acho que é o mais... ela passa e ela continua ali por ela (B. S., mulher, Psicologia).

As justificativas para que um personagem chame a atenção são semelhantes entre os demais participantes. Entre as mulheres é frequente o tema do crescimento das personagens, a independência e o empoderamento feminino, já que as personagens se posicionam e não se deixam dominar pelos papéis de gênero impostos pela sociedade. Entre os homens, as razões que os levam a gostar de um personagem são relacionadas a aspectos de liderança, por serem detalhistas, possuírem ideais fortes que buscam defender, o respeito aos outros e a superação de obstáculos em sua trajetória.

É importante ressaltar a questão da identificação com a personagem e a identidade. Ao comentar sobre sua personagem favorita - da série *Xena: a princesa guerreira* - uma participante relata que se vê nela:

Eu sempre me vi muito nela. [...] eu queria ser na verdade como a Xena, superpoderosa e superforte, e que nada me derrubasse. Só que eu não era nada como a Xena, eu era muito mais como a Gabrielle. Eu tinha meus momentos de fragilidade, tinha meus momentos em que eu não sabia fazer as coisas, e que eu ia aprendendo. E ela é uma personagem que, ela não sabe, mas ela aprende muito (G. L., mulher, Psicologia).

A constituição da identidade, para Maheirie (2002), é caracterizada pela ambiguidade, apontando para dois extremos. Assim, podemos destacar os indivíduos como são e diferenciá-los de outros, apesar de ser um processo de constante mudança. Segundo Silva (2009), a constituição da identidade é um processo em que o indivíduo se apropria de papéis durante a vida, uma construção que parte de uma identidade já imaginada e se dá ao longo da vida, sempre se transformando, à medida que o indivíduo assume outros papéis, levando em conta também os aspectos sócio históricos em que está envolvido.

Maia (2007) aponta que os meios de comunicação atuam com grande força na construção da identidade de um indivíduo, através da criação de referências, nas quais eles se projetam e se identificam. Esse processo se dá a partir da influência do personagem sob o

sujeito, projetando-se ou não. Dessa forma, o sujeito se reconhece no personagem através de ideias e sentimentos, unindo sua identidade ao personagem.

Apenas um participante mencionou que a beleza da personagem chama a atenção na série. Em contrapartida, tanto os participantes homens quanto as mulheres não gostam de personagens que não se desenvolvem na história e não acrescentam nada à série, passando despercebidos no enredo. Também não gostam dos personagens que prejudicam os outros, dos que são egoístas e dos personagens machistas.

4.3 DIFERENÇAS ENTRE PERSONAGENS MASCULINOS E FEMININOS

Ao se falar na diferença entre os personagens masculinos e femininos, surgiram muitos pontos entre os participantes, grande parte deles em comum uns com os outros. O primeiro deles é que, em geral, os homens possuem mais destaque nas séries do que as mulheres. Assim, o homem, muitas vezes, aparece como o personagem principal de uma série, onde todo o enredo gira em torno dele, e a mulher surge em um papel secundário, possivelmente como par romântico do personagem principal, como aponta um participante que diz que:

Os homens, geralmente, são os principais da série, e algumas séries colocam as mulheres só como o romancinho, e não dá poder para alguém que tem poder (M.S., homem, Psicologia).

Outra participante aponta que a mulher se apresenta na série como um auxílio para o homem.

[...] eles tentam colocar o papel do masculino sempre como superior. Sempre ele vai ser o personagem principal, não sempre, mas na maioria das vezes o masculino vai ser o herói, o papel do feminino ele vai estar ajudando, vai ser um auxílio, né, ali, mas sempre o masculino que vai se destacar mais (T.R., mulher, Psicologia).

Essa questão foi colocada mesmo quando o participante não nota essa diferença em sua série preferida, mas a reconhece em outras:

Nessa série que eu gosto não, eu acho que cada um tem... cada um tem um papel importante lá e desenvolve a história... mas tem série que eles dão bem mais valor assim, a contar a história às vezes mais do masculino do que feminino (A.J., mulher, Educação Física).

Neste outro caso, a participante menciona duas séries em que a mulher é a personagem principal, portanto, elas se destacam. Ela também compara a posição que as personagens ocupam na série com os homens, que frequentemente são os principais.

Eu acho que as últimas séries que eu andei assistindo não tanto. [...] a mulher tem um desenvolvimento muito grande, porque elas são praticamente as principais da série, né? [...] elas são fortes e elas são independentes. Na série elas são os homens, né? Sendo um pouco machista da minha parte falar, mas são séries mais atuais. Então as séries agora eu não vejo tanta diferença, séries um pouco mais antigas, eu acho que sim (M.I., mulher, Publicidade e Propaganda).

Essa comparação é feita mais de uma vez, ao se dizer que buscamos nas personagens femininas as mesmas características que são vinculadas aos homens:

A gente baseia a mulher, o jeito que a gente gostaria de ver a mulher como o homem é: forte e liderando. Que geralmente é essas coisas que a gente vê no homem, e a gente quer que a mulher seja igual o homem (J.A., mulher, Psicologia).

Os entrevistados notam que as diferenças entre homens e mulheres eram mais evidentes em séries mais antigas, e que há um equilíbrio maior nos papéis atuais, como conta um entrevistado:

Muitas séries ainda, mais antigas, né? Porque hoje em dia está um pouquinho mais equilibrado. Mas a mulher realmente fica nesse papel vulnerável, que precisa ser salva o tempo todo (G.M., homem, Psicologia).

Segundo eles, nas séries antigas é comum ver o homem como o galã conquistador, o herói, e a mulher é vulnerável e submissa, que é conquistada pelo homem, e surge constantemente em papéis familiares.

Depende muito da série e depende muito da época. Séries mais antigas tendem a ter uma diferença muito maior, obviamente, porque né? A mulher ela vai conseguindo conquistar o espaço dela com o tempo [...] Tem alguma coisa assim, até porque tem um cara lá que ele é garanhão, pega as mulheres todas, então todas as mulheres que ficam com ele, você vê que elas são taxadas como a burra, que ele consegue conquistar com o jeito dele de falar. Mas, eu vejo isso nas séries mais antigas, que a mulher sempre é a sexy ou a burra, entendeu? Hoje em dia até que não, hoje em dia está bem menos (B.W., homem, Publicidade e Propaganda).

Além disso, há uma outra circunstância em que a desigualdade de gênero é mais salientada, que são as séries de época e as medievais.

Como a série trata na era medieval, realmente a mulher não tem o poder. Não tem assim, é... autoridade pra dominar alguém, e tudo o mais. E essa série é muito legal porque, ao mesmo momento que ela não tem poder porque elas estão num enredo machista, com o tempo, o enredo da história, desenvolvimento, elas conseguem um espaço assim e mostrar que elas são iguais aos homens (R.A., homem, Psicologia).

Outro ponto manifesta-se juntamente com o destaque masculino nas séries, que é a desigualdade salarial. Uma das entrevistadas levanta a questão de que os homens recebem mais do que as mulheres para os papéis que representam, e a série com protagonismo masculino chama mais atenção.

O homem chama muito mais atenção, assim, ganha muito mais atenção da mídia, porque o homem ganha muito mais financeiramente, do que a mulher. Às vezes, uma série estrelada por um homem chama mais atenção (B.S., mulher, Psicologia).

Outras diferenças entre homens e mulheres nas séries de televisão que são expressos nas entrevistas são a força física, a personalidade dos personagens e a posição no ambiente de trabalho. Dentro da personalidade, as mulheres aparecem mais como “boazinhas”, enquanto é mais comum o homem aparecer como o vilão. Já no ambiente de trabalho, a mulher surge como subordinada, embora os entrevistados notem que elas vêm conquistando espaço em um ambiente predominado por homens.

Seguindo essa percepção, Lauzen (2018) aponta em um estudo que a profissão entre os personagens masculinos ainda é mais provável de ser reconhecida do que entre personagens femininos, e que 61% dos homens foi visto de fato no contexto profissional, trabalhando, contra 50% das mulheres. As personagens femininas ainda estão constantemente ligadas aos papéis familiares, como mãe e esposa. O estudo analisa séries de drama, comédia e reality shows que são transmitidos pela televisão, nos canais a cabo e serviços de streaming, de 2017 a 2018. O mesmo estudo afirma que, de maneira geral, em 68% das séries analisadas o elenco era composto por mais homens do que mulheres.

Embora os entrevistados notem que as séries atualmente possuem menos diferenças entre homens e mulheres, nota-se que tanto o número de personagens femininas que possuem falas quanto o de personagens femininas importantes nas séries diminuiu em relação ao período de 2016 a 2017, sendo atualmente apenas 40%. A participação das mulheres diminuiu não somente entre as personagens, mas também por trás das câmeras, uma vez que elas formam meramente 27% da equipe de criadores, diretores, escritores e produtores das séries de televisão. De acordo com o estudo, o emprego de mulheres como criadoras e produtoras implica

no aumento do número de mulheres em outros cargos, e também do número de personagens femininas (LAUZEN, 2018).

Percebe-se então que as pessoas identificam um progresso nos papéis femininos mais recentes. Nota-se também que apesar disso, no último ano, houve um decréscimo no número de personagens femininas. Isso nos leva a pensar no que as pessoas gostariam de ver na televisão em relação à mulher.

4.4 A PERSONAGEM IDEAL

Pensando na perspectiva de que as personagens femininas diminuíram nas séries de televisão, apenas um entrevistado se atentou a essa questão de números:

Coisa que eu percebo em série, não assim da diferença de tratamento, mas sim da representatividade, é assim, geralmente tem vários homens e tem uma mulher, então talvez não seja nem assim, que papel eu queira que ela tenha, talvez eu quero que tenha mais mulheres no elenco (B.W., homem, Publicidade e Propaganda).

A questão da representatividade aparece também com a identificação, pois é através dela que surge a possibilidade da identificação do público com os personagens ou a história. De certa forma, a sociedade acaba por determinar os conteúdos produzidos pela mídia televisiva, já que esta funciona a partir da audiência e do lucro. Consequentemente, o que as mulheres buscam nas representações pode influenciar a mudança na produção dos conteúdos, afetando também seus consumidores (SILVA; PASSOS; FREITAS, 2018).

Entre as 10 mulheres que participaram da pesquisa, elas gostariam de ver papéis de mulheres independentes, empoderadas, que lutam pelos seus direitos, conquistam seus espaços, em posições de liderança, que possuem desenvolvimento na história e que possuam destaque como personagem principal desde o início da série. Em alguns casos, elas possuíam o desejo de ver personagens assim antigamente, e hoje acreditam que já encontraram personagens com essas características.

Essas mulheres que são todas empoderadas e fortes e tal, eu acho que atualmente já tem bastante personagem assim, que era o que eu queria antigamente, que era retratar aquela mulher forte e guerreira, e lutar pelos objetivos dela e não aceitar qualquer coisa que falam *pra* ela (A.J., mulher, Educação Física).

Algumas foram mais específicas no que gostariam que as mulheres tivessem mais atuação, como na área da ciência, da pesquisa, líderes de estado, líderes de exército, liderando guerras. Observa-se que também há o desejo de ver mulheres fortes, sem que isso seja mostrado de maneira irreal.

Eu acho que tipo, podia mostra de uma forma que não fosse extraordinária, sabe? Geralmente séries que são voltadas pra mulheres que são fortes e etc, são séries que, tipo, mostram aquilo como se aquilo fosse uma coisa totalmente absurda, sabe? [...] Acho que o que eu queria ver na verdade era tipo, de isso ser levado menos como uma coisa inalcançável, sabe? Tipo, mais como uma coisa que pode acontecer, porque a gente tem muita mulher que é heroína no dia a dia, sabe? Não precisa vangloriar aquilo de uma forma, como se fosse totalmente impossível de existir, sabe? (N.P., mulher, Publicidade e Propaganda).

Em contrapartida, dos 10 homens que participaram da pesquisa, 4 não souberam responder qual seria o papel feminino ideal. Um deles nunca havia pensado sobre isso, enquanto os outros três não possuem uma ideia de qual seria esse papel ou personagem, pois acreditam que as mulheres já conquistaram seu espaço na televisão, que elas já fizeram todos os tipos de papéis, e que as personagens que conhecem já são diferentes das demais.

Dentre aqueles que responderam à pergunta, eles gostariam de ver mulheres em papéis de ação, sendo guerreiras e batalhadoras, heroínas, líderes, policiais, médicas, e também em papéis de liderança, pois acreditam que é algo que não é comum entre personagens femininos.

Eu acho que toda posição que a mulher assumir de liderança seria bacana de ver, porque a gente está mais acostumado a ver os homens, né? Cultura assim, patriarcal, machista, e... ver a mulher ocupando uma posição que talvez não tá acostumada seria interessante (L.N., homem, Psicologia).

Ah, eu acho que de heroína é bastante interessante, e também de líderes, porque mulher quando ela toma decisão, quando ela mantém seu pulso firme, o que ela faz tem mudança. Acho que têm algumas coisas que as mulheres fazem que não concordo, mas tem bastante coisa que eu admiro, por ser diferente o modo que a mulher pensa, acho que é bem interessante (U.P., homem, Educação Física).

Há ainda a opinião de que a representação de uma mulher forte na série não deve ser feita de forma artificial, pois na vida real também há momentos de vulnerabilidade:

Personagens equilibrados que correspondem à realidade, sabe? Tipo, que elas podem ser muito fortes, mas ter esses momentos vulneráveis também. Não precisa ser forçado (G.M., homem, Psicologia).

Assim, nota-se que uma boa representação feminina nas séries de televisão se faz importante para as mulheres, que possuem o desejo de encontrar características de independência e empoderamento nas personagens. Mesmo que as mulheres venham conquistando um maior espaço na televisão, essa personagem ideal continua sendo um desejo entre elas, que através dessa representação podem se identificar, enxergando um pouco de si nas personagens, ou as qualidades que admiram nas mesmas.

Por outro lado, seja pela falta de identificação ou por uma cultura patriarcal que ainda perdura, a representação feminina e a questão da personagem ideal parecem não ser tão significativas para os homens quanto se mostra para as mulheres, mesmo quando eles percebem a desigualdade de gênero nas séries de televisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade de gênero estende-se por toda a sociedade, carregando ao longo da história uma hierarquia impiedosa, atingindo a vida da mulher nos diversos contextos em que ela se insere. Colocando a mulher em uma posição de submissão e atribuindo a ela certas características, que podemos chamar de estereótipos, desconstruí-los se torna um trabalho longo, contínuo. Vemos movimentos e mudanças no cenário atual que mostram que parte da sociedade não mais se conforma com as imposições feitas às mulheres, e está aberta a transformações. No entanto, como mencionado, é um trabalho contínuo.

Essa situação pode ser identificada inclusive nas séries de televisão, que acabam refletindo a realidade e acompanhando sua evolução. Antigamente, as mulheres nas séries representavam mães, esposas, donas de casa, empregadas, mulheres submissas, a donzela em perigo a espera de um herói que viesse salvá-la. Ao longo do tempo ela vai conquistando seu espaço, saindo do segundo plano para o protagonismo, alcançando agora um lado profissional e uma independência que antes não se notava. O que antes era considerado comum e normal para as mulheres, hoje já não serve como padrão.

Através desta pesquisa foi possível perceber que homens e mulheres ainda enxergam as diferenças entre o masculino e feminino nas séries de televisão, embora acreditem que, atualmente, esses papéis sejam mais equilibrados. Atribui-se parte dessa percepção ao fato de que os participantes eram jovens universitários, o que possibilita que tenham uma visão mais crítica a respeito do tema. A idade dos entrevistados também influencia, pois, as séries eram

outras, e elas também mudam de acordo com o tempo e o contexto histórico. Sugere-se que a pesquisa seja feita com outros públicos para que se tenha um entendimento mais amplo do tema.

Principalmente as mulheres admiram e desejam ver a autonomia e o empoderamento feminino nas telas. Essas são características significativas para as elas, que se reconhecem nas personagens. A mídia, como uma forma de poder simbólico, tem grande influência na sociedade por meio das mensagens que são produzidas e transmitidas por ela. A medida que estas mensagens possuem sentido para os indivíduos, a mídia possui a capacidade de induzir ideias e transformar realidades, e sua ação tem o poder de criar e manter relações de poder, neste caso de gênero.

Sendo assim, é importante se atentar ao que está sendo reproduzido na televisão, pois, certamente, é algo que possui impactos nos indivíduos, na hierarquia de gênero, e em toda a sociedade. Para além do que é mostrado na televisão, como a arte e realidade são conectadas, a participação de mulheres na criação dos conteúdos transmitidos pela mídia possui grande peso. No caso das séries de televisão, a representação de uma personagem feminina tem relação com a quantidade de mulheres que trabalham por trás das câmeras, dirigindo, escrevendo, produzindo e criando essas séries e personagens.

Desta maneira, se faz necessário abrir espaço para a participação das mulheres na televisão, nas diversas ocupações que são responsáveis para que um episódio chegue até o telespectador. É importante que mulheres sejam representadas por personagens bem construídas, fortes, independentes e empoderadas, e que esses papéis possam se aproximar de uma realidade que também vem sendo construída por grandes mulheres, servindo como modelos para outras que estão por vir.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, 6. 17. 111-125. 2001. Disponível em <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/opapel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2018.

EAGLY, Alice H.; STEFFEN, Valerie J. Gender Stereotypes stem from the distribution of women and men into social roles. **Journal of Personality and Social Psychology**, 46. 4. 735-754. 1984. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.46.4.735>>. Acesso em 18 jun. 2018.

GAMA, Adriana Ferreira; SANTOS, Aline Renée Benigno dos; FOFONCA, Eduardo. Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia. **Revista eletrônica Temática**, 10. 2010. Disponível em

http://www.insite.pro.br/2010/outubro/representacao_comunicacao_midia.pdf> Acesso em 15 jul. 2018.

GLASCOCK, Jack. Gender Roles on Prime-Time Network Television: Demographics and Behaviors, **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 45. 4. 656-669. 2001. Disponível em https://doi.org/10.1207/s15506878jobem4504_7> Acesso em 03 abr. 2018.

KANNENGIEßER, Sigrid; KUBITSCHKO, Sebastian. Acting on media: influencing, shaping and (re)configuring the fabric of everyday life. **Media and Communication**, 5. 3. 1-4. 2017. Disponível em <http://dx.doi.org/10.17645/mac.v5i3.1165>> Acesso em 21 jun. 2018.

LAUZEN, Martha M.; DOZIER, David M.; HORAN, Nora. Constructing gender stereotypes through social roles in prime-time television. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 52. 2. 200-214. 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1080/08838150801991971>> Acesso em 28 mar. 2018.

LAUZEN, Martha M. Boxed in 2017-18: women on screen and behind the scenes in television. **Centro para o Estudo das Mulheres na Televisão e Cinema**. San Diego. 2018. https://womenintvfilm.sdsu.edu/wp-content/uploads/2018/09/2017-18_Boxed_In_Report.pdf> Acesso em 15 out. 2018.

MACHADO, Arlindo. Pode-se falar em gêneros na televisão?. **Revista Famecos**. 6. 10. 142-158. 1999. Disponível em <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.1999.10.3037>> Acesso em 20 jun. 2018.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**. 7. 13. 31-44. 2002. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-29072002000100003&script=sci_abstract&tlng=en> Acesso em 07 jun. 2018.

MAIA, Aline Silva Correa. Telenovela projeção, identidade e identificação na modernidade líquida. **E-Compós**. 9. 2-14. 2007. Disponível em <https://doi.org/10.30962/ec.v9i0.174>> Acesso em 18 abr. 2018.

MURNER, Sarah K.; GREENFIELD, Claire; YOUNGER, Abigail; BOYD, Hope. Boys act and girls appear: a content analysis of gender stereotypes associated with characters in children's popular culture. **Sex roles: a journal of research**, 74. 78-91. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1007/s11199-015-0558-x>> Acesso em 13 mai. 2018.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; BARTH, Mauricio; NUNES, Raona. Televisão e serialidade: formatos, distribuição e consumo. **Cadernos de comunicação**. 20. 22.2-19. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5902/2316882X22925>>. Acesso em 02 jun. 2018.

PRESS, Andrea L. **Womem watching television: gender, class, and generation in the american television experience**. Philadelphia. University of Pennsylvania Press. 1991.

SILVA, Ana Claudia Neves da; PASSOS, Lucas da Silva Falcão; FREITAS, Ricardo Oliveira de. A representatividade feminina em séries: uma breve análise sobre a personagem Miranda Bailey de Grey's Anatomy. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Joinville. 41. 2018. Disponível em

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1909-1.pdf>> Acesso em 20 nov. 2018.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**. 28. 169-195. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&tlng=pt> Acesso em 15 mar. 2018.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. **Galáxia**. São Paulo. 14. 27. 241-252. 2014. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115810>> Acesso em 17 abr. 2018.

SPANGLER, Lynn C. Television women from Lucy to Friends: fifty years of sitcoms and feminism. Westport. Praeger. 2003.

SPINK, Mary Jane Paris.. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 5ª ed. Petrópolis. Vozes. 1998.

Artigo recebido em: 25/09/2019

Aprovação final: 15/10/2020

DOI 10.35501/dissol.vi11.734